

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 160	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120	1 DE JUNHO 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-6-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-6-	-6-		

CHRONICA OCCIDENTAL

São realmente deslumbrantes as festas com que a capital e a côrte hespanhola teem recebido os reis fidelissimos.

Ha uma semana que el-rei o sr. D. Luiz e a senhora D. Maria Pia, são hospedes d'el-rei D. Affonso e todos os dias o telegrapho nos annuncia um novo passeio... um jantar... um espectáculo... uma festa dada em honra dos nossos monarchas.

Ciosos da autonomia da patria, folgamos ainda assim, com estas demonstrações de estima que ha tempos para cá, se trocam entre os chefes das duas nações da Península Iberica.

A Hespanha d'hoje não é a Hespanha d'outras eras.

O povo hespanhol dos nossos dias, povo generoso e liberal, que caminha na vanguarda do progresso, opulento pela sua industria, digno pela sua illustração, não nutre por certo, como nos tempos aventureiros dos Philippes, a idéa desvairada da absorpção da nacionalidade portugueza uber-rima de tradições gloriosas.

O hespanhol deixou de ser para nós, os portuguezes, o mais cruel inimigo e o espectro fatal e terrivel da nossa escravidão, esquecendo-se portanto, já na penumbra dos tempos as épocas calamitosas das guerras sangrentas entre os dois povos visinhos.

D'Aljubarrota resta o monumento da Batalha, apreciado hoje em dia, como uma obra d'arte, verdadeiramente grandioso e notavel!

Quando Sua Magestade el-rei D. Luiz se apeçou na gare em Madrid, abraçou seu primo el-rei D. Affonso; no jantar de galla, ha dias, no palacio do Oriente, os chefes das duas nações da Península trocaram brindes affectuosos, em que reiteravam affirmativas de solida amizade e de cooperação reciproca para a prosperidade dos dois paizes e... *malgré tout* para o inverno fazer-se-ha a costumada comemoração da data da

nossa independencia, do jugo de Castella, com foscas luminarias nas janellas do palacio do conde de Almada e girandolas de foguetes ruidosos...

Os valerosos heroes d'essa revolução, quanto a nós, teem o seu nome inscripto em caracteres d'ouro, n'uma das paginas mais brilhantes da historia portugueza.

A obsequiosa hospitalidade do povo hespanhol, tem abrangido igualmente os jornalistas portuguezes, que representam a nossa imprensa nos

festejos madrilenos; na frente d'esse grupo escolhido destaca-se o vulto proeminente de Pinheiro Chagas, para o qual tem convergido todas as atenções.

A imprensa hespanhola tem prestado justa homenagem, á superior capacidade do nosso patrio e nós folgamos com taes apreciações, feitas por aquellos que não podem ser classificados de suspeitos.

Damos logar a um artigo da *Iberia*, em que a largos traços, desenha Pinheiro Chagas:

«O presidente da Associação dos Escriptores Portuguezes, que chegou a Madrid é um dos mais illustres escriptores e oradores da nação visinha.

«Novo ainda tem obtido triumphos em todos os generos que tem cultivado.

«Os seus escriptos apresentam um cunho de originalidade verdadeiramente notavel, n'um paiz aonde tanto se imitam as litteraturas estrangeiras.

«As suas obras poeticas entre as quaes sobressahe o *Poema da Mocidade*, são notaveis pela suavidade e sentimento; mas entre essas obras existe uma que seria o bastante para fazer a reputação d'um escriptor, — a *Historia de Portugal* em 8 volumes.»

«Para o theatro produziu o *Drama do Povo*, e a *Morgadinha de Valflor*, que são muito applaudidas.

«É deputado e a tribuna é o seu verdadeiro theatro, aonde manifesta as suas qualidades brilhantes.

«De estylo elevado, de erudição profunda, de voz agradável e figura distincta, possui o segredo de fallar aos corações, que só conseguem os grandes oradores.

«Falla alguns idiomas da Europa e tem na sua patria a auctoridade e o prestigio do trabalho e do talento.»

N'essa alegre romaria a Madrid incorporou-se Gervasio Lobato, que sendo director litterario d'este periodico, foi encarregado de o representar em todas as solemnidades litterarias e artisticas.

Gervasio Lobato já era conhecido e apreciado n'aquella capital, por algumas das suas produc-



O PRINCE PRISDANG, EMBAIXADOR DO REINO DE SIÃO (Segundo uma photographia de A. Liebert)

ções dramaticas que a companhia do Gymnasio ali tem representado no theatro da comedia, aonde o talento de Antonio Pedro, de Taborda, de Lucinda e de Furtado Coelho tem sido alvo das mais inequivocas provas de estima e consideração.

Felicitando o festejado auctor da *condessa He-loiça* e da *Medicina de Balzac* pela condigna recepção, que os seus irmãos nas letras hespanholas, lhe tem dispensado, lamentamos que a sua ausencia occasionasse, por um dever de velha amizade, termos hoje de o substituir n'este lugar, que Gervasio Lobato ha annos preenche tão brilhantemente.

Que os leitores d'esta vez sejam indulgentes e que Lobato regresse por estes dias...

Do Porto é que as ultimas noticias são atterradoras.

Ainda se repercutiam ao longe, os gritos lancinantes das numerosas victimas, produzidas pela explosão d'um obuz no fogo d'artificio queimado na romaria do Senhor de Mattosinhos, quando o clarão d'um incendio violento que arrazou alguns predios na rua de S. João, illuminou sinistramente a cidade, patenteando entre os destroços fataes, os cadaveres carbonizados de dois bombeiros, victimas da sua dedicacão e que tão denodadamente sacrificaram a existencia, em holocausto a um sentimento tão nobre e tão generoso.

O enterro dos dois martyres que se chamavam Bernardino Pinto d'Almeida, e James Franklin, foi imponente e magestoso.

É que a nobre cidade do Porto sabe prantear a morte generosa dos seus valerosos filhos!

As novidades litterarias, continuam a ser o livro de *Teixeira de Queiroz* um dos modernos romanistas de maior folego — *Salustio Nogueira*, a que Gervasio Lobato já se referiu na chronica anterior e outro do festejado auctor da Paqueta, *Bulhão Pato*, que se denomina: *SCENAS HISTORICAS PORTUGUEZAS NA INDIA*.

De resto, as chuvas cessaram e a primavera chegou de vez, tardia mas florescente, alegrando o horizonte com os raios luminosos do sol, envolvendo as arvores de espessa ramagem, cobrindo os campos com mantos de verdura, provenientes das cearas que crescem e se animam e obrigando, nos jardins cultivados, as rosas a abrirem-se pujantes de côr e de perfumes.

A. Mello.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PRINCIPE PRISDANG, EMBAIXADOR DE SIÃO

No dia 7 de maio, hontem findo, chegou a Lisboa a embaixada do rei de Sião, que havia algum tempo discorria a Europa, tendo estado já em Inglaterra, França e Hespanha, etc.

A embaixada era composta do principe Prisdang, embaixador; de Luang-Nay-Tri, tambem parente da casa real de Sião, e rajah muito influente, primeiro secretario, vindo como segundo secretario, um inglez, Frederico Verney.

O principe Prisdang, da casa real de Sião é um moço sympathico, intelligente, de maneiras muito alaveis e delicadas, de instrucção variada, como em geral são os principes de Sião, e falla algumas linguas com correcção. O principe descende do principe Krom-Khun-Rajasih, neto do rei Rama Thibodi VI, conhecido na Europa pelo titulo de Phra Nung Klao.

Nasceu em Bangkok, a 22 de fevereiro de 1852, e, depois de estudar no seu paiz, foi, em 1871, completar a sua educação na Inglaterra. Estudando particularmente o inglez e outras disciplinas durante um anno, entrou como alumno livre no *King's college*, onde seguiu, durante cinco annos, os cursos scientificos, recebendo os primeiros premios em todas as disciplinas e fazendo com brilhantismo o exame geral.

Pelos seus desenhos decorativos e de machinas lhe foi conferida uma medalha de prata pela *Sociedade de incitamento das artes e officios* e nomeado socio do referido *King's college*.

Em 1877 foi chamado á sua patria e ahi empregado como engenheiro, e encarregado de levantar as cartas do reino de Sião. Este importantissimo trabalho foi por elle desempenhado com proficiencia.

Em 1878 foi de novo enviado para Inglaterra pelo rei Phra-Paramendi-Maha-Chulalon-Korn, actual soberano, para completar os seus estudos de engenharia. Em 1878 foi nomeado primeiro interprete da missão siameza enviada a Inglaterra e Allemanha. Em 1879 passou a segundo secretario e interprete da missão encarregada de entregar á rainha de Inglaterra, principe de Galles, principe herdeiro de Allemanha, e presidente da republica franceza, as insignias da ordem do elephante branco, assim como de rever os tratados com essas e outras potencias.

Voltando a Bangkok em 1880 foi nomeado secretario particular da rainha de Sião e coronel da guarda real.

Todos os soberanos o tem agraciado com as decorações das principaes ordens, e elle tem aproveitado a residencia nos differentes paizes, especialmente na Italia e Allemanha, para estudar as diversas organizações militares.

Pelos fins de 1882 foi investido na qualidade de embaixador e ministro plenipotenciario junto das nações da Europa, com quem Sião tem tratados negociados ou a negociar, e junto dos Estados-Unidos da America.

O modo de fallar do principe, assim como do seu secretario, indica muita doçura de character, do que nos podemos certificar cabalmente, por occasião da visita comque S. Ex.^a se dignou honrar o nosso modesto obrador.

O principe é senhor de um importante territorio, especie de feudo da corôa de Sião.

A embaixada Siameza tinha por fim dar a el-rei, e ao paiz, cujos destinos dirige, as provas e testemunhos de sympathia e de respeito do seu soberano, e negociar um tratado de paz, amizade e commercio entre os dois paizes.

Como se sabe fomos nós o primeiro paiz da Europa que teve relações com aquelle reino e o visitou, ali temos mantido com mais ou menos permanencia alguns funcionarios consulares, que tem gosado de muita confiança dos soberanos, e alguns portuguezes tem sido elevados n'aquelle reino aos mais altos cargos, como já dissemos no nosso artigo a pag. 106. Não é pois de admirar que o tratado se estabeleça em boas condições, salvo se o segundo secretario, como inglez que é, tiver o proposito de nos prejudicar, e a nossa diplomacia se deixar illudir.

A embaixada foi recebida no dia 10 de maio no paço d'Ajuda por el-rei o sr. D. Luiz, indo acompanhada pelo sr. visconde de S. Janeiro.

O principe, como se vê do retrato, trajava uma farda de seda preta bordada, de gola direita, pouco mais ou menos como a dos ministros europeus, tendo, porém, o peito vermelho tambem bordado. Vestia calção largo, á moda oriental, verde escuro, meia branca de seda e sapatos com fiavelas de ouro. Na cabeça levava um casco á prussiana, que se vê na gravura, de pello curto de seda, agalado de ouro, tendo um galão largo e dois estreitos. Ornavam-lhe o peito algumas condecorações de ordens militares, sobre as quaes se distinguia a do elephante branco, a ordem principal de Sião. Da cintura pendia-lhe um elegante espadim, e dos hombros um manto transparente côr de Rosa, ricamente bordado a ouro.

O primeiro secretario trajando á similhança do principe, mas sem bordaduras levava uma pasta de marroquim com dourados, e um rolo ou canudo de marroquim.

Depois de concluida a apresentação o principe demorou-se ainda alguns dias em Lisboa, visitando edificios e estabelecimentos publicos, retirando-se para França, d'onde seguirá para o seu paiz, tendo ficado ainda em Lisboa o sr. Verney para concluir as negociações do tratado.

O ACTOR JOAQUIM FERREIRA RIBEIRO

Começou a sua carreira artistica tão gloriosa, nos theatros particulares.

Os palcos estreitos e acanhados dos theatros dos *Inglezinhos* e dos *Anjos* foram os seus primeiros campos de batalha, d'onde, pelo talento que revelava, saiu sempre victorioso, coberto de applausos e de flôres.

E o acolhimento amavel do publico mais lhe arreigou no seu espirito novo e impressionavel a paixão pela vida d'actor, — o amor pelo theatro! — Depois, tinha nascido na *Rua da Gloria*!

Já era uma disposição... e um fito! Ao tempo em que elle se deslumbrou com as irradiações brilhantes da gloria pelos applausos que na recitação da poesia — *A minha Patria*, lhe concedia o publico frequentador das platéas dos theatros particulares, Ribeiro era cabelleiroiro.

A cabeça do actor em embrião, andava á roda e consta que a dos freguezes que elle tratava, não estavam tambem muito tranquilladas e seguras!

Aborreceu-se terminantemente de fazer popas nas trunfas dos burguezes e entrou como cabelleiroiro no theatro das Variedades.

Para elle, pentear as cabelleiras dos actores, caracterisal-os, ouvi-los a toda hora, na intimidade, conversar acerca de peças e de barbas, no camarim, assistir aos ensaios, ver os espectaculos, não lá de fóra da platéa como o publico, mas da caixa por entre os bastidores, como os ditos e felizes foi o que lhe deu coragem, o que o decidiu a, na primeira occasião que se lhe deparasse — debutar n'um theatro publico.

Essa occasião forneceu-lh'a o actor Antonio Pedro, artista que o publico já estremecia, retirando-se algum tempo da scena.

Isto foi em 1864, epoca em que a desaparição de Antonio Pedro do palco das Variedades, deixou o repertorio completamente *manqué*.

Os directores do theatro lembraram-se então do *curioso* Ribeiro; e dias depois o publico recebeu o debutante com o mesmo entusiasmo, com que applaudia na vespera o engraçado artista.

Se bem nos recordamos foi no papel de agiota da — *Mocidade e honra*.

Essa noite de ovação, foi a sagração do neophito!

Os papeis succederam-se e o publico continuou a festejar a gloria nascente do artista que se revelava, recompensando-lhe largamente a sua applicação e o seu estudo.

Duas epocas se conservou no theatro das Variedades, d'onde saiu para fazer parte d'uma companhia ambulante que percorreu a provincia, partindo em 1867 para a Ilha de S. Miguel, aonde conquistou as maiores sympathias.

Entre outros papeis importantes desempenhou ali, o de Santo Antonio, na celebre oratoria de *Braz Martins*, e de tal modo, que o povo ingenuo e crente chegou a ter pelo actor Ribeiro veneração!

Realisou, n'essa *tournee* o seu beneficio em 17 de Dezembro de 1868 com a comedia *Dois pobres a uma porta* e com a opereta — *Tio Braz*.

Foi uma noite de festa e o Gremio Litterario offereceu-lhe o diploma de socio honorario.

Em 1869 regressando a Lisboa, depois de outro passeio pela provincia, foi escripturado para o theatro da Rua dos Condes, aonde se conservou pelo espaço de quatro annos.

Todos se recordam, das magnificas creações que n'essa temporada produziu e que lhe valearam o ser chamado pelo sr. Francisco Palha a occupar um dos primeiros logares no theatro da Trindade.

A galeria dos seus bellos typos criados na sua carreira artistica até então, taes como o commissario do *Porta-Bandeira do 99 de linha*, o criado dos *Crimes do Brandão*, o velho do *Duende*, o Pica-Peixe do *Brigue Mondego* e o Ali-Baba, juntou no theatro da Trindade o *Larivouidiere* da *Senhora Angot*, o emprezario de *Campanone*, o marquez da *Madame Favart* adquirindo logar proeminente na *Criança de 90 annos*, o general do *Tributo das cem donzellas*, o preceptor no *Duquezinho* e na *Viagem á lua*, o doido nos *Sinos de Courneville* e o *Arpagão no Aventura* de Molière, traduzido pelo finado poeta visconde de Castilho, que lhe dirigiu a seguinte carta em seguida á primeira representação:

— Ao insigne actor Ribeiro pelo seu triumpho artistico em 22 de março de 1873, fazendo ressuscitar *Molière* no *Aventura*, envio, entusiastico e agradecido, os meus parabens, em quanto lh'os não renovo com um abraço de amigo, que se ufana de confessar-se-lhe eternamente devotor.

Lisboa, 23 de março de 1873.

Castilho.

Em junho do anno passado, Ribeiro partiu para o Brazil em busca de maior gloria e mais dinheiro.

Conquistou applausos ruidosos e fez largos interesses; mas infelizmente no domingo de Ramos a febre amarella atacou-o violentamente, depois do spectaculo, espirando fulminado pela fatal epidemia, na manhã de quarta feira de Trevas a 21 de março de 1883.

A sua morte foi muito sentida e a lacuna que deixou no theatro portuguez, difficilmente se preencherá.

M.

ALBERTO MAILHE

No dia 15 de fevereiro do corrente anno, foi recebido por sua magestade el-rei o sr. D. Luiz em audiencia solemne, o sr. Alberto Mailhe, enviado de S. A. a princeza Maria de Lusignan.

A enviatura tinha por fim fazer entrega a S. M. das insignias da grã-cruz da *Ordem de Melusine*, de que a illustre princeza é grã-mestra.

Lusignan é o titulo de uma antiga familia, de um dos ramos da qual saíram os reis de Chipre e Jerusalem que na idade média e á frente dos cruzados conquistaram a terra santa. A essa familia foi entroncar-se a real de Portugal, pelo casamento de D. João, filho do infante D. Pedro e neto d'el-rei D. João I, com a rainha Carlota, sendo descendente directa d'essa linha notavel, e que, desaposada do reino, como é sabido de todos, fez d'elle doação ao duque de Saboia indo morrer a Roma.

É representante actual d'um ramo d'esta familia S. A. a princeza Maria. A *ordem de Melusina* foi instituida sobre uma antiga tradição d'aquella familia real.

Os romances de cavallaria e as lendas da idade média tornaram celebre com o nome de Melusina uma tãda, a qual ora era representada sob a fórma de uma bella mulher, ora sob a d'uma serpente. Segundo as tradições do Poitou é Melusina considerada como o *Genio* da familia de Lusignan, e pretende-se que sempre que um membro d'essa familia estava para morrer, a fada apparecia sobre a grande torre do castello, destruido em 1575, soltando gritos lastimosos.

Varias outras tradições dão origem diversa a esse nome de Melusina, já julgando-o anagrama da fórma antiga do designativo da familia *Leusignem*, já julgando-o representação de Melisende, viuva de um rei de Jerusalem, ou da senhora de Mervant mulher de Godofredo de Lusignan.

Outros pretendem que seja a *mater Lucina* que as romanas consideravam presidir ao acto puerperal, e d'ahi se derivem as expressões «gritos ou queixas de Melusina», usadas entre o povo francez, que outros fazem originar na primeira tradição.

João d'Arras tornou mais conhecido este nome, com o romance que no seculo xv escreveu sob o titulo de *Melusine*, e que se prende ao grupo dos romances de cavallaria, mas tendo uma certa feição original.

O portador das insignias e enviado da princeza o sr. Alberto Julio Mario Mailhe é natural de Toulouse. Nasceu n'aquella terra, que desde o principio do seculo xiv instituiu os chamados *Jogos floraes* certamens poeticos, que tomaram maior regularidade e incremento depois que Clemencia Isaura, nos fins do seculo xv principios do seculo xvi, lhe prestou o concurso da sua dedicação e fortuna, não podia deixar de se inclinar ás letras.

Em 1877 o ultimo descendente dos principes de Mont-Réal, reconhecendo a aptidão e actividade do sr. Alberto Mailhe, chamou-o á direcção dos grandes concursos poeticos, e pouco depois á da Academia, que d'elle tomou o nome, e cuja fundação auxiliou com a sua influencia e meios.

A *Academia Mont-Réal de Toulouse*, tem como programma celebrar a Humanidade e os seus beneficeiros, o progresso e os seus homens illustres, a patria, suas glorias passadas e sua grandeza futura.

Desde a instituição da Academia Alberto Mailhe foi investido no cargo de Presidente inamovível d'ella. Os serviços que tem prestado ás letras e ás sciencias tem-lhe merecido distincções honrosas. É presidente-honorario de muitas das principaes sociedades scientificas e philantropicas de França e do estrangeiro, membro da dos arcades e quirites de Roma, grande official e commendador de varias ordens de França e estrangeiras.

Tem empregado todos os esforços para a propagação do culto das letras. Segundo uma noticia que temos presente, os serviços que tem prestado a um periodico litterario o *Decentralisateur*, lhe tem obtido a attenção e encomios de todos os mais distinctos homens de letras, que não lhe tem regateado nem a sua sympathia, nem a sua approvação.

Procurando estabelecer e manter as relações dos diversos paizes entre si, por meio das letras, tem alcançado resultados inapreciaveis em tão elevado empenho.

A Academia Mont-Réal, que Alberto Mailhe creou, conta hoje cerca de 1400 membros de diversas classes, disseminados por quasi todos os paizes; celebra pequenos concursos mensaes litterarios, um grande concurso annual, ao qual tem concorrido os engenheiros de todos os paizes, onde se falam linguas romanicas, distribuindo premios de diversas naturezas.

Com quanto Toulouse, seja a sede de varias outras sociedades, é certo que os homens de letras, de coração e espirito não despresam o titulo de membros d'aquella Academia, hoje em toda a pujança do seu desenvolvimento litterario.

No mesmo dia 15 de fevereiro o sr. Alberto Mailhe celebrou uma sessão solemne na sala da Sociedade de Geographia de Lisboa, na qual distribuiu por sua mão os premios aos laureados portuguezes no concurso annual de 1882. N'essa sessão discursou com muita proficiencia e brilhantismo o Revd.^o Léon Baylet, cavalheiro de muita illustração, que na qualidade de secretario acompanhava o sr. Alberto Mailhe.

A visita do sr. Alberto Mailhe a Lisboa foi, por varias causas, tão rapida, que poucas pessoas tiveram occasião de o poderem tratar e apreciar.

FIGUEIRA DA FOZ THEATRO DO PRINCIPE D. CARLOS

Entre a grande transformação por que n'estes ultimos annos tem passado a cidade da Figueira da Foz, nas suas bellas estradas e ruas, nos seus bairros novos, nos seus magnificos edificios modernos e elegantes, avulta o novo theatro do Principe D. Carlos, construido entre os annos de 1871 a 1874 em que funcionou pela primeira vez a 8 de agosto.

Assenta o elegante theatro, que tem a capacidade do theatro do Gymnasio de Lisboa, na praça do Commercio em terreno conquistado ao mar pelas obras da barra, e cedido pelo Estado por carta de lei de junho de 1871.

Foram os srs. José A. S. Fera, B. Augusto Lopes, Affonso E. de Barros e Nestorio Dias quem iniciaram e empregaram todos os seus esforços para a construção do theatro, de cujo projecto e direcção da obra se encarregou o engenheiro sr. Adolpho Ferreira Loureiro e seu irmão.

O theatro tanto no exterior como no interior é de uma apparencia simples mas muito ele ante e graciosa, tem tres ordens de camarotes sendo 18 na 1.^a, 19 na 2.^a e 5 na 3.^a com galerias e 250 logares de platéa.

O palco, de dimensões regulares mede cerca de 10 metros de bocca e tem 7 camarins e as mais accommodações precisas.

Dá entrada ao theatro um espaçoso vestibulo por cima do qual ha um salão para baile, concertos etc.

A todas estas commodidades reune ainda todas as condições de ventilação e segurança, possuindo muitas portas de sahida para a rua em caso de sinistro.

O custo total do edificio foi de 14:200\$000, quantia que se realiso por meio de emissão de acções, e por alguns adiantamentos feitos pela commissão iniciadora d'este grande melhoramento com que foi dotada a Figueira da Foz.

A primeira peça representada n'este theatro foi o drama *Oppressão e liberdade*, desempenhado, segundo nos parece, por amadores da arte de Talma.

Desde que se abriu, tem sido todos os annos visitado por companhias dramaticas tanto de Lisboa como do Porto, e a luz da sua rampa tem illuminado desde os artistas mais modestos até aos mais glorificados pelas platéas enthusiasmas das que os tem coberto de applausos.

É sobretudo na época dos banhos que o theatro da Figueira tem tido as suas maiores enchentes, porque a Figueira que é já hoje uma cidade animada, redobra de interesse e movimento quando os furasteiros vão ali fazer uso dos banhos, nas suas magnificas praias.

Então enchem-se os hoteis e muitas casas particulares, que por essa occasião alugam parte dos seus aposentos, e o theatro participa d'esse movimento enchendo tambem a sua sala de espectadores.

Por isto se vé que a cidade da Figueira da Foz offerece hoje todas as commodidades aos seus visitantes, aos quaes não faltam tambem distracções, tanto nos seus magnificos arredores que proporcionam passeios por Buarcos ou pelas margens do formoso Mondego, como á noite no seu bello theatro, club etc.

Em os n.^{os} 145 e 150 pertencentes ao presente vol. já nos occupámos da Figueira da Foz, dando gravuras e artigos que melhor completam esta noticia.

EUCALIPTO GLOBULUS

O eucalipto globulus é uma *myrtacea* gigantesca, oriunda da Australia meridional, que foi introduzida em Portugal ha cerca de 25 annos. No primeiro tempo da sua introdução foi cultivado principalmente como arvore de ornato e ha só 16 annos que se começaram algumas plantações com o fim de crear pequenas mattas, espalhando-se depois

o eucalipto por toda a parte. O nosso paiz foi um dos que melhor acolheu esta arvore e mostra na arborisação de algumas estradas, das vias ferreas e em numerosas plantações devidas á iniciativa dos particulares e do Estado a maravilhosa força vegetativa do eucalipto.

É excepcionalmente rapida a vegetação d'esta arvore, chegando nos primeiros annos e em terreno apropriado a crescer em média um centimetro por dia. Se bem que o eucalipto globulus não seja das especies mais collossaes, a sua altura media regula por 50 metros, o que é muito notavel e pôde ainda ser muito excedido. O doutor Mueller director do jardim de aclimação de Melbourne, que tem publicado estudos muito completos sobre o genero *eucalyptus*, diz que o *globulus* é digno de contar-se entre os collossos do reino vegetal; porque adquire algumas vezes a altura de 60 a 70 metros e até a de 100 metros, o que é mais raro. Só vendo alguma d'estas arvores se pode fazer idéa do que seja o seu gigantesco desenvolvimento e junto d'ellas as nossas arvores representariam pequenos arbustos.

Em Portugal esta arvore não chegará talvez a alcançar o seu maior e mais extraordinario desenvolvimento, para o que precisaria viver muitos seculos nas melhores condições de vegetação; mas o que seguramente poderemos conseguir são eucalyptos de dimensões mais modestas, ainda assim bastante collossaes, que elevam o cimo dos seus alterosos troncos a 50 ou 60 metros acima do solo. Quando eucalyptos com 10 a 15 annos apresentam alturas de 25 a 30 metros e diâmetros de 0,^m6 a 0,^m7 no pé, que menores dimensões do que aquellas poderão vir a ter quando chegarem á idade em que as arvores naturaes do nosso paiz estão no caso de serem exploradas?

Este rapido crescimento, que em geral se observa nos eucalyptos tem suscitado duvidas sobre a sua utilidade, porque se julga — que as arvores que se desenvolvem muito depressa não dão boa madeira; mas esta supposição, que é verdadeira com respeito aos pinheiros, não tem o mesmo valor quando se trata de arvore de outra natureza e n'este caso estão os eucalyptos. No nosso paiz tambem temos arvores, como são o carvalho e o castanheiro, que quando crescem mais depressa, produzem melhor madeira. Succede o mesmo com a teca da India (*tectona grandis*), da familia das verbenaceas, que tem tambem o crescimento muito rapido e dá uma madeira das mais duradouras.

A madeira do eucalipto lenhifica-se cedo e já nos primeiros annos se apresenta formada de cerne em quasi toda a espessura do tronco. Em vista d'isto não é necessario que decorra muito tempo para que adquira todas as suas qualidades, pois que as arvores novas, pcr exemplo as de 10 ou 15 annos, já teem o lenho bem constituido e pouco mais poderão melhora-lo com a idade. Devemos advertir que esta madeira tem o defeito de abrir quando está verde e por isso deve empregar-se bem secca. Já tem sido utilizada entre nós com bom resultado em travessas de caminho de ferro, construção de pontes, madeiramentos, trem de lavoura, marceneria, etc.

Mas não é só como gerador precoce de boa madeira e outros productos, que o eucalipto, merece larga cultura; a medicina e a hygiene tambem encontram n'esta arvore um valioso recurso e é sobretudo nas localidades devastadas pelas febres que as plantações se tornam utilissimas, porque as melhoram consideravelmente, fazendo diminuir o numero e intensidade d'aquellas doenças.

Em Portugal existem muitas localidades insalubres, onde a arborisação pelos eucalyptos seria de muita utilidade para a saude dos habitantes, e proporcionaria ao mesmo tempo as vantagens da criação de uma riqueza florestal importante. Mas infelizmente os eucalyptos são desconhecidos em muitas d'estas localidades, ou encontram-se ainda em pequeno numero, como succede nas margens do Sado, cuja insalubridade é bem notoria, e onde ha muitos terrenos ingratos para a cultura agricola, mas muito apropriados para estas plantações. Os proprietarios que desenvolverem a cultura dos eucalyptos em sitios doentios, creando extensos massios d'estas arvores, não só hão-de obter grandes lucros, mas farão uma obra benemerita, porque contribuirão muito para o bem estar das povoações visinhas.

A gravura que o OCCIDENTE hoje apresenta, mostra um formoso eucalipto de 10 annos com 24 metros de altura creado em bom terreno. São frequentes no nosso paiz os eucalyptos que com aquella idade teem tão notaveis dimensões. Esta gravura faz parte da segunda edição de um livro sobre a cultura d'estas arvores, que brevemente espero publicar.

C. A. de Souza Pimentel.



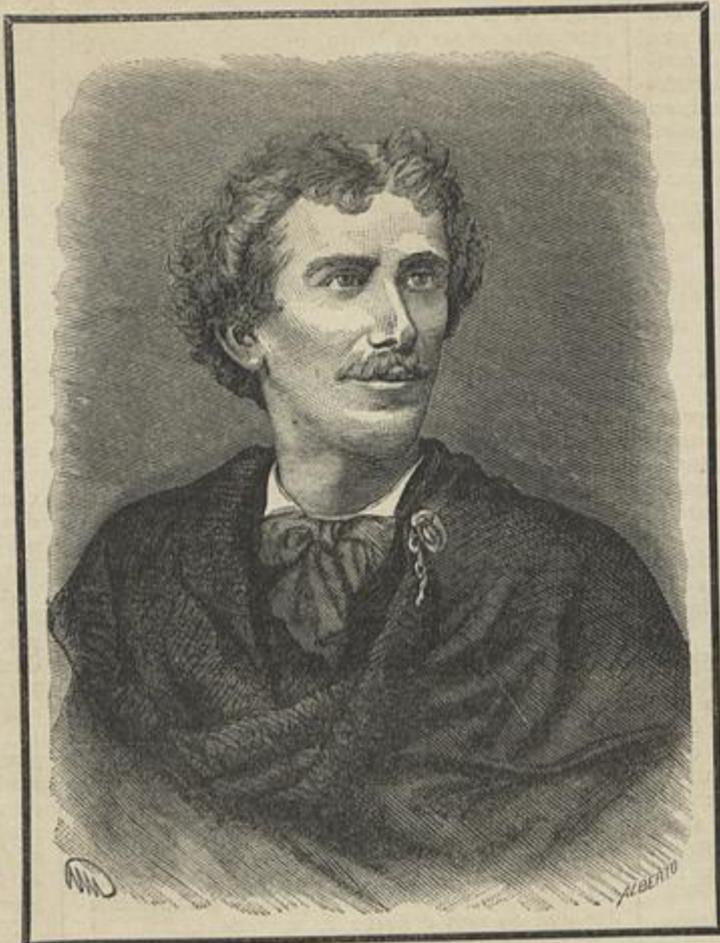
1



2



3



4



5



6



7



8

1 — Tributo das Cem Donzellas.
 4 — Avarento.
 — Viagem á Lua.

2 — Crimes do Brandão.
 7 — Os Sinos de Courneville.

3 — Ali-Baba.
 5 — A Filha da Senhora Angot.
 8 — Duquezinho.

O THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Continuado do numero 159)

Lembra que o melhor expediente seria constituir o governo um fundo para a construcção de um novo theatro, onde se reunissem bons actores e não fornecer auxilios para conservar-se uma sociedade «como a de que se trata, que nem entretém, nem é capaz de convidar o publico, e que exercita as suas funcções em um local onde Sua Magestade e Real Familia não podem concorrer por falta de capacidade.» Entende que seria conveniente fechar o theatro por algum tempo.

Estas opiniões tinham alguns pontos de contacto, certamente, com as que o auctor das *Pateadas*, o padre José Agostinho de Macedo, expuzera, onze annos mais cedo, no seu desabrido pamphleto, em parte verdadeiro.

Nos fins de 1823, ou nos principios de 1824, regressaram do Brazil os actores que, segundo dissemos, para lá tinham ido escripturados, e pouco tempo depois uniram-se aos seus collegas que representavam na Rua dos Condes.

Marianna Torres voltou muito doente e só entrou n'um drama. No Brazil fôra durante algum tempo empresaria e ganhara sommas importantissimas.

Depois de regressar, viveu na opulencia durante algum tempo, em companhia de seu marido e de uma filha. Possuia mobilia riquissima e custosa baixella de prata. Mas a pouco e pouco tudo foi vendido e empenhado porque o marido tinha uma paixão infrene pelo jogo. A actriz veiu a morrer na pobreza. Morena e de rosto expressivo, Marianna Torres parecia, vista em scena, muito mais formosa do que era realmente.

Ao neto da actriz, o actor Torres, actualmente escripturado no theatro de D. Maria, devemos uma parte d'estas informações.

Tratemos agora de Maria do Carmo cujo nome substituímos ao de Marianna Torres. Foi esta



ALBERTO MAILHE (Segundo uma photographia de E. Delon)

muito menos actriz do que... *cocotte*,—*cocotte* á moda da epocha, já se entende, *cocotte* á velha portugueza, tratando mais das commodidades do interior da casa, da roupa branca acumulada nos armarios e dos dobrões aferrolhados na arca, do que na ostentação e fausto apparente das suas congeneres modernas e afrancezadas.

Maria do Carmo não se limitava a receber o

rendimento da ponte de Sacavem, que o amante, outro conde, lhe offercia; era armadora, tinha navios sobre as aguas do mar.

Na sua casa, um terceiro andar na rua do Arco de Bandeira, amontoavam-se as riquezas. Era de prata lavrada e massiça o peitoril da janela a que Maria do Carmo ás vezes se encostava, quando se dignava deitar um olhar indifferente para os peraltas, seus admiradores, que estacionavam, em paciente expectativa, ao longo da comprida e estreita rua.

A desgraça de Maria do Carmo foram as venetas, como a dos onze contos em brilhantes, que já contámos. Um bello dia, navios, peitoril de prata e a propria moeda de cobre que ella tanto detestava, tudo se desvaneceu como fumo. Não sabemos, nem importa saber ao certo quando começou a derrocada. Em 1835 estava a actriz no theatro do Salitre, com Barbara, Ludovina, Catharina Talassi e outras. Mais tarde esteve no theatro de D. Maria II. Depois, arruinada nos bens e na formosura, representou pelas sociedades particulares. O distincto actor Pinto de Campos, a quem somos devedores da rectificação d'aquelle equivoco, representou com ella n'um theatrinho á Graça, sendo ainda simples curioso. A velha comediante alludia frequentemente ao seu passado de esplendores, contava longas historias dos seus triumphos, e concluia depois, suspirando:

—Ai! Meninos, aquelles tempos, sim! aquelles tempos é que eram!...

Desde 1820 até á vinda de Emilio Doux para Portugal, continuaram os nossos theatros dando espectaculos todos modelados, mais ou menos pelos que deixamos descriptos nos artigos precedentes. O modo de representar dos actores portuguezes d'aquella epocha, por via de regra exagerado, coadunava-se com a indole das peças interpretadas, e assimilava-se de certo ao que a escola de declamação hespanhola ainda hoje pratica, especialmente pela melopea da recitação.



FIGUEIRA DA FOZ — THEATRO DO PRINCIPE D. CARLOS (Segundo uma photographia de Ubaldo)

Vejamos novamente os avisos do jornal official, que durante o governo dos revolucionarios de Vinte augmentára de formato, e passara a chamar-se *Diario do Governo*, mas que pelo meado de 1823 de novo se appellidou *Gazeta de Lisboa*.

No primeiro de outubro de 1825 representou-se no theatro da Rua dos Condes, em beneficio do actor Borges Garrido, a que já fizemos referencia, o drama *Christiarno rei de Dinamarca viajando incognito pelos seus estados*, ou a segunda parte da *Sedução punida*.

Muito antes de lermos este titulo na *Gazeta*, já o conheciamos por ouvil-o ao espirituoso escriptor dramatico Eduardo Garrido, que tem por aquella peça a admiração que todos sentimos pelo que é realmente espantoso. O drama *Christiarno rei de Dinamarca*, etc. foi seguido, n'aquella noite, por um *lindo solo de meio character*. O espectáculo terminou com a *bem accieita* farça *Ensaio de uma tragedia ou A familia original*.

Como o leitor vê, as peças theatraes da época tinham sempre dois titulos, separados pela competente disjunctiva. Este costume estava ainda ha pouco tempo em moda no Brazil. Drama com um titulo só, não enchia cartaz, e portanto não chamava concorrência.

Pelos annuncios de espectaculos publicados na *Gazeta de Lisboa* sabe-se que em 1825 e nos annos seguintes faziam parte da companhia da Rua dos Condes os seguintes actores: José Joaquim d'Arsejas, Antonio José Pedro, João Evangelista da Costa, João dos Santos Matta, Manoel Baptista Lisboa, Theodorico Baptista da Cruz, qua fez beneficio em 27 de agosto de 1825 com a representação da comedia *José o imperador da Allemanha visitando os carcerees*; Josepha Emilia Secolioni, que entrou para o theatro em 1826; Gertrudes Angelica da Cunha e outros.

O ponto da companhia em 1826 era Luiz José Baiardo, auctor da comedia *O presente do Principe* ou a *Dama de Honor*, que se representou pela primeira vez na Rua dos Condes a 17 de junho d'aquelle anno.

(Continúa)

Maximiliano d'Azevedo.

O IMPERIO DE MARROCOS

E A

NOVA LEGAÇÃO PORTUGUEZA

(Concluido do n.º 151)

Desde este tempo, e principalmente pela celebração do tratado de paz de 1773, as relações entre Portugal e Marrocos tornaram-se estreitas e cordealissimas, enviando-se reciprocamente as duas cortes e com frequencia cumprimentos e primando de finezas e demonstraões de sympathia.

Como se sabe, em 1793, por effeito das perturbaões do imperio, o principe Abdessalam, indo reunir-se a seu irmão Muley Suleyman, deixára confiado a Ahmed-Scarige, judeu renegado que fôra escrivão da fazenda do imperador seu pae, o cargo da sua casa e familia, Ahmed, não se julgando seguro em Santa Cruz, no cabo d'Agadir, residencia habitual d'Adessalam, fez embarcar toda a casa e familia d'este para a conduzir a Tanger.

Accossados pelo tempo vieram ter á Madeira, d'alli a S. Miguel, d'onde providos de tudo se fizeram de vela para Tanger; mas contrariados pelo tempo tiveram que arribar a Cascaes, no dia 13 de julho de 1793, e entrando a barra de Lisboa desembarcaram em Belem, foram a Queluz ver a familia real, e tornando a embarcar partiram para Tanger a 8 de agosto seguinte, em tres transportes escolhidos e comboiados pela nau *Medusa*, do commandado do chefe de divisão Pedro de Mariz e Sousa.

Os obsequios e gentilezas praticadas pela corte de Portugal para com aquelles hospedes, entre os quaes se contavam 10 damas entre mulheres e concubinas d'Abdessalam, suas tres filhas e dois filhos, a viuva do imperador velho, uma filha e uma viuva da Muley Eliazid, e a mãe de uma das concubinas, além das criadas, creados, mulheres d'estes, escravas, escravos, etc. em numero de 221 pessoas, foram um penhor de amizade que nunca esqueceram os principes marroquinos.

Por isso quando em 1877, José Daniel Colaço foi encarregado de cumprimentar o sultão Muley-el-Hassan, pela sua exaltação ao throno, ao ser recebido, com as mesmas formalidades já descriptas por occasião da sua missão junto de Muley Hamed, pae de El Hassan, este na sua resposta a Colaço disse e repetiu por mais de uma vez, que desejava mostrar para com

Portugal o mesmo affecto que seus antepassados Muley Suleyman e Muley Abderhaman.

N'esta occasião e no dia seguinte ao da recepção solemne no campo, recebeu Muley Hassan as insignias da ordem da Torre Espada das mãos de Colaço, mas n'um pavilhão do seu palacio de Mequinez; e pedindo-lhe Colaço desculpa do mal que seria d'elle entendido fallando-lhe sem interprete, o sultão lhe respondeu que não era assim, que podia fallar-lhe sem interprete, e que o fizesse assim sempre.

Estas coisas parecem de pequena monta para quem não conhece os usos d'aquelles povos, mas são de muita importancia e podem e devem ser aproveitadas sempre por estadistas e politicos habeis e previdentes.

O commercio portuguez tambem por uma indisculpavel incuria ou erro tem despresado as boas condições de prestigio e de amizade que mantinhamos no *Magreb-el-acsá*, e o imperio marroquino que dista vinte horas do nosso Algarve, é de nós menos conhecido e frequentado, do que outras regiões distantes, onde não tinhamos as mesmas razões de influencia e vantagens.

A posição geographica do imperio marroquino, afastando d'elle durante largo tempo as attentões das potencias occidentaes, entretidas com a questão do Oriente, onde as exigencias politicas d'essas nações tem obrigado os povos africo-levantinos a introduzir, nas suas barbaras administraões, as praticas adoptadas nos paizes cultos, tem contribuido poderosamente para a conservação do estacionamento em que o imperio se acha.

Os estremecimentos porém causados nos estados mussulmanos depois da ultima guerra turcorussa, e principalmente pelos successos da Tunisia, da Tripolitana e do Egypto, tem feito caminhar a onda da civilisação por sobre os estados berberescos.

Verdade seja que essa onda tem caminhado impellida pelas armas de certas nações do Occidente, e com quanto, como nação civilisada, devamos applaudir o progresso da civilisação, não podemos deixar de stigmatizar o procedimento d'aquelles que para realisarem uma obra, aliás meritoria, se servem de procedimentos injustos e muitas vezes aleivosos e iniquos.

É, na realidade, um empenho humanitario e civilisador todo o trabalho e disvellos que se empregarem para converter a Africa septentrional n'uma entidade util a si, á Europa, e a todas as nações civilisadas, e por isso a questão que começou a ferir-se no Danubio, no Libano e no Bosphoro, que já attingiu Chypre e se estendeu ao Nilo e Mar Vermelho, e vae caminhando por Tripoli e Tunis, ha de necessariamente repercutir-se e ter por confins as costas occidentaes do *Magreb-el-acsá*, desde o cabo de Spartel até o Mogador, para não dizer até o cabo de Não.

Mas n'esta obra em que parece terem tomado o primeiro passo a Inglaterra e a França, antepondo-se esta mesmo com petulancia á Italia, que em Tunis tinha feito serviços importantes, deverá deixar-se só unicamente áquellas? e não deverão tomar n'ella parte outras nações que primeiro que essas se opposeram á marcha devastadora do islamismo, e arremessaram contra elle os peitos destemidos dos seus filhos?

As armas vigorosas e fanaticas dos filhos do propheta que subjugaram até o sul da França, foram primeiro afastadas da peninsula por este pequeno povo de heroes, que no solo africano, foi tomar a desforra de cinco seculos de dominio, e quando os exercitos dos Selims, dos Bajazets, dos Mahamuds invadiam e destruiam o imperio do oriente, se apoderavam de Constantinopla, das ilhas do Mediterraneo, e caminhavam em marcha triumphal até Vienna d'Austria, parecendo pôr a Europa christã a dois dedos da sua ruina, não foram estes portuguezes, insultados pelo sr. Brighth e quejandos, que aniquilando o poder e o commercio dos turcos no oriente, pelo arrojado dos seus descobrimentos e valentia dos seus braços, quem fez sustar a onda do islamismo e deu os golpes mais fundos no seu poderio?

A Hespanha e a Portugal deve pois estar reservado o papel importante de civilisadores do extremo Occidente da Africa. Bem combinadas operaões, sem desmentir á amizade que liga as duas cortes marroquina e portugueza, devem estabelecer-se e não descurar-se. A resolução d'este problema politico e social é fatal e não deve estar longe o termo da sua resolução. Terão os nossos estadistas actuaes a vista mais curta do que a tinham os politicos dos tempos de D. João I, D. João II, e D. Manuel?

Bem sabemos que tem como a desculpal-os o grande e inexplicavel erro do Marquez de Pombal, mas os erros dos grandes homens, de-

vem ser-nos aviso e não desculpa, devem ser-nos lição e não modelo.

As legações que tem desde muito tempo estabelecido em Marrocos as potencias occidentaes, com quanto servidas por habeis funcionarios, nomeadamente o ministro de Italia, o sr. Estevão Scovasso, homem velho, mas activo, energico e habilissimo, não tem influido demasiadamente nos movimentos d'este imperio, porque a sua submissão aparente, especialmente depois das campanhas de 1844 e 1859 a 60, tem feito com que não haja motivos plausiveis para influir alli.

Ha porem o motivo superior, o da civilisação universal que não devemos esquecer.

Nós temos sobre aquelles territorios o direito de prioridade e de occupação ininterrompida, por que desde 1415 até 1772 com mais ou menos extensão alli dominamos e habitamos; por todas as costas marroquinas as grossas muralhas das suas fortalezas e as quinas que assignalam os seus cubellos, as suas portas, os seus edificios estão demonstrando o nosso direito.

Quando ha pouco tempo o actual sultão Muley El-Hassan se aproximou de Mazagão, a *Djérida*, a cidade que nós fundamos, viu, examinou e considerou por largo tempo a valentia da sua construcção e principalmente a pujança das suas famosas cisternas, obra admiravel dos filhos d'este pequeno Portugal, que muitos alcunham de falto de sciencia colonisadora, e de refractarios ao progresso e civilisação.

Devemos pois virar para este assumpto a nossa attenção, vendo que a Hespanha se não descuida d'elle, como o demonstram ainda as recentes estipulaões e tratados relativos á ilha de Santa Cruz e pescarias das suas costas. Organisem-se missões bem compostas, que vão percorrer, estudar o paiz em todo o sentido; aproveitem-se as boas disposições do sultão a nosso respeito, a longa pratica e o conhecimento do paiz que possui o nosso actual ministro, formemos um plano bem assente e bem pensado para podermos estender alli a nossa influencia e fundar-mos alguma colonia, nucleo de futura população. Reparemos bem que nos cerca por duas partes o oceano, onde não podemos fundar povoaões, e por outros dois a Hespanha, que tenderia a absorver-nos e não pôde ser absorvida, e que portanto o unico alargamento logico, razoavel e natural é o que foi intentado e proseguido por aquelles reis que citamos.

Já Garrett dizia que se a tentativa de D. Sebastião tivesse sido bem succedida, e nós estivessemos hoje estabelecidos de um e outro lado do estreito, com a visinhança dos francezes em Argel, «não seria Portugal o reininho das noventa leguas, de quem todos escarnecem.»

Com muita mais razão as *chaves do estreito* deveriam estar em mãos portuguezas, que menos receio causam, do que na mão dos nossos visinhos e irmãos, como querem Navarrete e o general Lopez Dominguez.

Tenhamos, pois, os olhos fitos no imperio de Marrocos, reatemos e estendamos as nossas relações commerciaes com elle, não julguemos que por havermos estabelecido uma legação temos feito tudo, não percamos occasião alguma de fazer valer alli a nossa influencia, não despresemos ensejo que possa ser util ao nosso progresso e á causa da civilisação, que fomos os primeiros a intentar, quando o resto da Europa ainda era semi-barbara, e os homens que tiverem dado inicio e impulso a esta obra importante terão como premio a consideração e applauso dos seus contemporaneos, e receberão as benções e a consagração com que o futuro costuma honrar os que bem servem o seu paiz e a humanidade.

J. B.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

4.ª carta

(Continuado do n.º 159)

A exportação de café em 1800, foi de 10 saccas; e de 3.587:217 no anno de 1879.

Desde 1874 em diante as saccas são de 60 kilos.

Cultiva-se diferentes variedades de café; sendo as mais notaveis a *Botucatiú*, a Maragogipe, pelo desenvolvimento extraordinario do grão; o Moka, Aden, a variedade do cafezeiro da ilha de Bourbon, e outras.

O imperio do Brazil — com relação aos principais ramos da industria agricola — pôde dividir-se em quatro partes distinctas:

1.^a — Creação de gados. — Províncias meridionaes.

2.^a — Café.

3.^a — Assucar, algodão, côco, tabaco, etc. — Províncias centraes.

4.^a — Materias extractivas: borracha, anil, cacão, baunilha e salsa parrilha. — Províncias septentrionaes.

A primeira e quarta são actualmente as mais prosperas. As províncias centraes estão desanimadas em progredir, em virtude da diminuição dos preços dos generos nos mercados estrangeiros, para onde são exportados.

A região do café, unica que até hoje pude visitar, está bastante desanimada.

Qual será a razão principal do desalento dos fazendeiros?

Será porque, quando 10 kilos de café valiam no mercado 108000 réis e mais, os fazendeiros consentiram que o luxo invadissem as suas fazendas e sesmarias; as suas casas e familias; e criassem um certo numero de necessidades em harmonia com o elevado preço do café, e hoje esse preço, baixando a 38000 réis, não poderão entreter e sustentar na mesma altura as necessidades creadas então? Ou será porque outras regiões similhars do globo concorrem aos centros de consumo com mais vantagem?

Será ainda devido a combinações commerciaes, ou porque a offerta é superior á procura?

O certo é que o valor mercantil baixou consideravelmente; e jámais tornará a subir no estado normal do mercado, e que por isso os fazendeiros estão descontentes; attingindo o descontentamento a classe commercial e proletaria, como é natural; pois estas duas ultimas dependem da primeira.

O que por ora se pôde afirmar — emquanto não tiver dados mais positivos — é que as causas do descontentamento, attribuido ao diminuto preço do café, está, não n'esta causa apparente, mas na adopção da cultura exclusiva do cafezeiro, na falta de braços para explorar novas culturas; e sobre tudo, na constituição da propriedade rural brasileira.

As nações, como os individuos, adiantam com as communicações reciprocas: a associação é condição indispensavel para o progresso, assim no relativo ás necessidades materiaes, como ao desenvolvimento do espirito.

Se para organizar uma empreza agricola qualquer, é indispensavel o concurso de tres elementos capitaes: *terra, capital e intelligencia*. Assim, para manter o equilibrio d'uma nação agricola, como o Brazil, é necessario o concurso das tres propriedades: *grande, media e pequena* propriedade. Ora, o Brazil não possui senão a grande propriedade; por isso, enquanto não crear a media e a pequena, para fixar o colono ao solo, pelo amor natural áquillo que é seu, e pelos interesses reciprocos, terá de soffrer as consequências, que está soffrendo, da sua organização rural.

A constituição da propriedade brasileira atada ao antigo systema colonial, como Prometheu ao seu rochedo, ainda não achou um Hercules que tenha força para quebrar as peas que lhe embargam os passos; falta emfim quem lhe inspire o genio criador que fecunda o barro.

(Continua)

A. Lopes Mendes.

O AMIGO VISCONDE

VIII

Como a *Favorita* era uma opera antiga, já muitas vezes cantada, os musicos, na orchestra, iam seguindo a partitura de cór. Os primeiros violinos, com os instrumentos entre a barba e o peito, a cabeça ligeiramente inclinada sobre o hombro, tiravam machinalmente o arco, com um gesto molle, o ar abandonado de fastio de quem é forçado a repetir mais uma vez uma coisa sabida, lançando olhares distraídos para os camarotes.

Leonide, com os cotovellos fincados no para-peito da friza e a cara entre as mãos, seguia attentiosamente o ensaio, voltada para o palco, enquanto Alvaro, todo reclinado para traz, com o olhar incerto e vago de quem medita, esperava ansiosamente a occasião de lhe falar. Por isso, logo que os comparsas entraram em scena, enfileirando-se em curva no meio do palco, Alvaro debruçou-se para a bailarina e falou-lhe ao ouvido Leonide olhou-o de soslaio, e sorriu-se; mas Alvaro insistiu, e, aproveitando-se então da musica forte dos córos, que cantavam em crescendo, acompanhados por toda a orchestra, segredou-lhe que a amava muito, pedindo-lhe no fim uma entrevista.

Leonide esquivava-se. Fugia-lhe, obstinada na sua recusa; e, teimando sempre em não o escutar, tapava os ouvidos com ambas as mãos, sorrindo e acenando negativamente a cabeça: — *Non — dizia ella — non et non.*

Alvaro, porém, quanto mais ella lhe fugia, mais insistia em lhe confessar todo o fervor da sua paixão. Estendia-se no para-peito do camarote, chegava-se muito a ella, procurando falar-lhe ao ouvido.

— Olhe, Leonide — murmurava elle com uma voz tremula — diga-me o que deseja que eu faça, para lhe provar o meu amor. Ah! se soubesse, Leonide...

E os juramentos mais sagrados e as promessas mais ardentes e impetuosas, tudo Alvaro ali lhe repetia, apaixonado e louco. Mas, perante a attitude serena de Leonide, que se conservava impassivel e fria, na immobilidade dura de uma estatua, vinha-lhe o desalento da alma, e as palavras mais carinhosas d'amor cahiam-lhe então dos labios, uma por uma, n'um murmuro chorado e indefinido, como o correr triste e saudoso d'uma fonte!

Tinha terminado o ensaio dos córos. Os comparsas sahiram ruidosamente de scena; e, como na orchestra o som dos instrumentos diminuiu de repente, ouvindo-se apenas um tremulo das rabecas, a voz murmurosa de Alvaro cresceu distinctamente na vastidão da sala. Todos os olhos convergiram para a friza. O proprio maestro voltou-se para traz, olhou, e gritou:

— Psiu! psiu!

Alvaro, surprehendido, apurou-se, enfiado e vermelho, mordendo o bigode. Ao passo que Leonide, escondendo a bocca entre as mãos, abafava um accesso convulso de riso, que a sacudia toda. N'esse momento, a vontade de Alvaro era estrangulal-a, ali, deante de toda a gente!

O maestro, restabelecido o silencio, apontou com a batuta para o grupo dos cantores, que estavam sentados ao lado do proscenio.

— *Il soprano* — disse elle.

Uma dama ergueu-se. Era alta e loira. Trazia um vestido preto e uma capa de panno cinzento debruada de pelles. Adiantou-se para a beira do palco, parando em frente do maestro.

Exposta á luz viva do gaz, que lhe batia de frente, o seu rosto branco tinha uma transparencia delicada. Viam-se lhe bater distinctamente as palpebras, orladas de pestanas loiras; e, a cada movimento do seu corpo, um grande passaro de pennas verdes, que se aninhava sobre a aba do chapeo de feltro, illuminava-se com reflexos doirados.

Alvaro tentou ainda outra vez dirigir-se a Leonide. Ia a fallar-lhe em segredo; mas ella, repellindo-o com um gesto dos hombros, pediu-lhe que a deixasse ouvir, e voltou-lhe as costas d'um modo brusco.

A dama principiou então a cantar a aria de Leonor a meia voz:

O' mio, Fernando...

Lamentando a sua sorte, arrependida de não ter confessado ao homem que tanto amava que era ella a favorita do rei...

E, sob o compasso marcado pela batuta, que se movia lentamente no espaço, viam-se os arcos das primeiras filas das rabecas avançarem e recuarem paralelamente, n'uma grande uniformidade de movimento e de som.

(Continua)

Alberto Braga.

EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1825 — Junho 1 — Morre em Paris o morgado de Matheus D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos.

Foi debaixo da sua direcção e a expensas suas que em 1817 se fez a celebrada e magnifica edição dos *Lusiadas*, conhecida pela denominação de Morgado Matheus. N'essa edição luxuosa se despenderam mais de dez contos de réis, tirando o editor unicamente 210 exemplares, com os quaes presenteou os seus amigos.

1849 — 2 — Representa-se pela primeira vez no theatro de D. Maria II *O Ermitão da Serra de Cintra* notavel drama original de Antonio Xavier Pinto de Campos.

1752 — 3 — El-rei D. José concede licença a José Freire de Montarroyo Mascarenhas, para poder fazer as *Gazetas* ou papeis de noticias, isto enquanto vivo fôr, mas com a clausula de não excederem uma folha em cada semana e serem publicadas ás quintas feiras. Cumminava-se a

pena de cinquenta mil cruzados a qualquer outro que se mettesse a imprimil-as.

Note-se que as *Gazetas* já se publicavam desde 1715, anno em que saiu a primeira em 10 de agosto, mas não com privilegio exclusivo na sua composição.

1771 — 4 — É incumbida a *Mesa Censoria*, presidida pelo padre Cenaculo Villas Boas da direcção das escolas publicas denominadas regias.

1821 — 5 — Executa-se pela primeira vez no theatro de S. João, no Rio de Janeiro, o hymno constitucional composto pelo proprio imperador D. Pedro I, por occasião do juramento das bases da constituição portugueza.

Em Lisboa foi tocado pela primeira vez em 24 de agosto do referido anno.

1815 — 6 — Nasce o eximio compositor portuguez Francisco Antonio Norberto Pinto. Foi discipulo de canto de Theotónio José Rodrigues; de rebecca de José Maria Christiano; de trompa de Faustino José Garcia e de harmonia de Manuel Joaquim Botelho.

A musica dos bailados do *Templo de Salomão*, *Alcaide de Faro* e *Prophecia*, danças do *Mineiro de Cascaes* e outras comedias foi composta por Norberto Pinto.

1812 — 7 — É creada pela Academia Real das Sciencias um Instituto Vaccinico em Portugal, que foi o primeiro e inicio de identicos estabelecimentos, que depois foram apparecendo no reino.

1859 — 8 — É creado pelo rei, o senhor D. Pedro V o *Curso Superior de Letras* dividido em tres cadeiras, para as quaes foram nomeados proprietarios A. F. de Castilho, A. J. Viale e L. A. Rebello da Silva. El-rei dotou esta instituição com 63:800800 réis.

1856 — 9 — Trasladação dos ossos do celebre escriptor portuguez Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elysio) para o cemiterio do Alto de S. João.

Os despojos mortaes d'este illustre escriptor haviam sido transportados de Paris para Lisboa em 1842.

1768 — 10 — A *Mesa Censoria* prohibe a venda e impressão das *trovas* do Bandarra, comminando severas multas aos contraventores, e manda queimar, na praça publica, por mão do *executor da alta justiça*, o livro das prophecias do sapaiteiro Simão Gomes.

Este acto teve logar na praça de Commercio de Lisboa, no dia 14 do referido mez.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

OS INCENDIARIOS DE ALCOY *romance original por Julio Rocha*, Lisboa. — Este romance é baseado em factos da ultima guerra de Hespanha e tem situações bem descriptas, revelando no seu auctor qualidades apreciaveis de romancista. A acção do romance prende o leitor de principio ao fim e é esta a maior recommendação do livro do sr. Julio Rocha.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO... *Porto — Real Typographia Lusitana. Rua de D. Fernando, 1883. N.º 5 e 6* dezembro de 1882. Encerra este fasciculo artigos muito interessantes e importantes taes são: *O commercio maritimo portuguez*, conferencia feita pelo sr. Oliveira Martins; *Os tramvays* (caminhos americanos) nas cidades etc. conferencia feita pelo sr. A. M. Lopes Vieira de Castro; *Bibliographia*, pelo sr. Oliveira Martins; *Catalogo da bibliotheca da sociedade*; *Lista dos jor-*

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Usa serás mestre.

naes remettidos á sociedade; *Representação contra o tratado de commercio com a França*, dirigida á camara dos dignos pares do reino; *Caminho de ferro de Loanda a Ambaca*. Representação dirigida a Sua Magestade El-rei; *Officio*, dirigido ao ex.^{mo} sr. governador civil do districto a proposito da emigração para as ilhas de Sandwich; *Relatorio do presidente da sociedade*, na sessão de 10 de junho de 1881. Balanço da Sociedade e parecer da commissão de contas; correspondencia estrangeira, Extracto das actas do Conselho geral, etc.

AS GRANDES EPOCAS DA HISTORIA UNIVERSAL, por Z. Consiglieri Pedroso... *Porto Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos* — editor. Rua de Santo Ildefonso, 8 e 10. No fasciculo que temos presente, onde se contém rosto, ante rosto, titulo da 1.^a parte *O mundo antigo*, prologo, 1.^a conferencia e parte da 2.^a, constando de X — 32 pag. Está começada esta obra, que comprehende a serie de conferencias que o sr. Consiglieri Pedroso fez na Associação dos Jornalistas e escriptores portuguezes e que foram ouvidas por um concurso numeroso de pessoas de todas as classes que as seguiram com interesse. No prologo diz o illustre professor que fez estas conferencias quando fora presidente d'aquella Associação, no que ha um pequeno lapso. As conferencias foram começadas durante a primeira gerencia do sr. Pinheiro Chagas e só a 14.^a da primeira parte e as tres primeiras da segunda, unicas até hoje feitas, foram proferidas depois do sr. Consiglieri Pedroso ter sido investido do referido cargo. — O juizo, em geral seguro e recto do conferente, a maneira como conglobava as observações e estudos que a sciencia historica tem produzido n'estes ultimos tempos, a imparcialidade que presidia ás suas apreciações, a fluencia da sua palavra, ás vezes rapida como uma catadupa, fazem prever o exito que esta publicação deve ter entre os que desejam instruir-se em ramo tão importante dos conhecimentos humanos.

RELATORIO DA SOCIEDADE FRATERNIDADE AÇORIANA no anno social de 1882 apresentada á Assembleia geral na sessão de 16 de fevereiro de 1883, pelo presidente da sociedade dr. José Henrique de Medeiros — Rio de Janeiro, officina a vapor de Fernandes da Silva & Mendes, 25 B, Rua do Ouvidor, 38 — 1883. 8.^o francez de 44 paginas, nas quaes se incluem VII mappas e mais 3 pag. com o parecer da commissão revisora. Esta instituição, creada e fomentada pelos açorianos residentes no Rio de Janeiro, tem tido tão boa administração e tanto desenvolvimento, que já hoje o movimento social é de 20:772\$540, e o dinheiro depositado em conta corrente no Banco do Brazil importa em 6:300\$000. Folgamos de ver a prosperidade das Associações dos nossos irmãos que residem alem-mar, porque só assim se podem salvar muitos da miseria que outr'ora por lá os accommettia.

RELATORIO APRESENTADO PELA DIRECTORIA DA BIBLIOTHECA RI-GRANDENSE Á ASSEMBLEIA GERAL a 14 de janeiro de 1883, elaborado pelo 1.^o secretario Benjamin Flores. Rio Grande. — Há uma noticia muito minuciosa do movimento d'esta sympatica instituição, que se vae desenvolvendo muito lisongeiamente, e que alem de contar já

nesto Pires... Lisboa — *Nova Livraria Internacional*, 96 rua do Arsenal, 1883. — Primeiro anno n.^{os} 2 e 3, correspondentes a março e abril do corrente anno. Compreendem estes fasciculos *Elementos da nacionalidade portugueza* (que parece vir começada do 1.^o) pelo sr. Theophilo Braga; o *Theatro moderno em Portugal* (que tambem parece ter começado no 1.^o) por Teixeira Bastos. — *Do methodo a seguir na applicação do realismo á arte* por Julio Lourenço Pinto; *A questão do Zaire* por Luciano Cordeiro; — *Tradições populares e dialecto da Estremadura hespanhola*, por Leite de Vasconcellos; *Philosophia technologica*, por J. Eduardo Gomes; — *Cartas geographicas e descobrimento do Zaire*, por Carlos de Mello; *Bibliographia*.



EUCALIFTO GLOBULUS

uma grande coleção de volumes cuja leitura é facultada ao publico, sustenta ainda uma escola e varios cursos que durante o anno findo foram frequentados por 111 alumnos adultos.

A direcção d'esta bibliotheca projecta construir um edificio proprio, para o que já tem colhido importantes donativos.

REVISTA DE ESTUDOS LIVRES *Directores litterario-scientificos Theophilo Braga Teixeira Bastos, Directores-proprietarios: Carrilho Videira, Er-*

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA — fundada em 1875 — 3.^a Serie n.^o 8. — Lisboa, *Imprensa nacional*, — 1882. Inclue um interessante artigo do sr. Adolpho Coelho — *Os dialectos românticos ou neo-latinos*, no qual se analysam especialmente os dialectos portuguezes formados em varios pontos do globo, aonde se estendeu a dominação portugueza, assim como os originados pela dominação franceza e hespanhola, mostrando-se como as leis que determinaram a sua formação, obraram em geral pelo mesmo modo em toda a parte. *Nomes vulgares de algumas plantas africanas* pelo sr. conde de Ficalho; não é só como parece pelo titulo uma lista de nomes e sua correspondencia scientifica, mas é uma descripção de varias plantas uteis, apreciando o seu desenvolvimento em Africa e a sua importancia industrial e commercial. — *Guiné portugueza* n'esta secção insere-se uma communicação relativa á tomada de posse de territorio do Forria; — Segue-se uma noticia sobre a exploração do mar arctico, continua-se a serie de informaçoes e noticias e mappas relativos á emigração portugueza, e a continuação das actas das sessões da sociedade.

A VISTA ALEGRE, apontamentos para a sua historia, por J. A. Marques Gomes, Porto. *Typ. Commercio e Industria*, 1883. Como o titulo indica, é um folheto que inclue dados interessantes não só para a historia da povoação da Vista Alegre, perto de Aveiro, mas tambem para a importante fabrica de porcelana que ali existe, fundada ha cerca de sessenta annos por um membro da conhecida e laboriosa familia Pinto Bastos, e pertencente ainda hoje aos seus descendentes. O folheto está coordenado com a precisão e clareza necessarias pelo apreciado escriptor aveirense, particularmente affeiçãoado a investigações historicas.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

EXPEDIENTE
DO
ALMANACH ILLUSTRADO
DO
OCCIDENTE
PARA 1884

Recebem-se n'esta redacção, charadas, enigmias, passa-tempos, etc. para serem publicados no ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884.

Recebem-se tambem annuncios, mediante a tabella impressa na capa do almanach de 1882 e 1883, até ao dia 25 de junho do corrente anno.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE
PARA 1882 E 1883

Cada um..... \$200

VIAGEM Á RODA DA PARVONIA
PELO COMMENDADOR GIL VAZ
Um volume de 240 paginas illustrado por M. de Macedo..... \$500

A COMEDIA BURGUEZA
1
SAPATOS DE DEFUNCTO
Por Leite Bastos
EDIÇÃO DE LUXO
Um volume de 200 paginas illustrado por M. de Macedo..... \$600

CAPAS CARTONADAS
PARA ENCADERNAÇÃO DO
OCCIDENTE

A Empreza do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.^o, 2.^o, 3.^o, 4.^o e 5.^o

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS
Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.
Tambem se fazem encadernações com estas capas por 1\$200 réis.